

Roseli Gimenes no plural

Adilson Silva Oliveira
Fotos: Daniel Dutra

No campo profissional, há pessoas que se destacam por esta ou por aquela habilidade, desempenham esta ou aquela função. Roseli Gimenes, nossa entrevistada, não está entre essas pessoas. Ela é coordenadora geral do curso de Letras da Universidade Paulista, mas é também professora de literatura brasileira, escritora, palestrante etc. etc. etc. E é destaque em tudo o que faz porque em tudo o que faz está sempre muito inteira.

Na nossa conversa, Roseli Gimenes revela algumas de suas faces. Fala da longa carreira de sucesso no magistério, fala da coordenação do curso de Letras, fala dos seus livros e dos seus projetos. Ela não para nunca: "Não posso parar. Parar é não se manter lúcida, viva. A receita é olhar, ouvir, estar atenta a novidades".

Além do lado profissional, revelado na entrevista, há o lado pessoal. Roseli é uma mulher íntegra e muito dedicada à família. Esse lado – igualmente fascinante –, no entanto, ficará para ser desvendado em uma outra entrevista, quem sabe.

Fale um pouco sobre o seu início na docência. Quando surgiu o seu interesse pela educação como área profissional?

Comecei a lecionar para uma turma de, à época, 5ª. série; isso foi em 1974. Eu era estudante do último ano da Licenciatura, mas ainda teria mais um período para completar o Bacharelado. Minha professora de Língua Inglesa, Samira Samara, autora de vários livros didáticos, saiu em ano sabático e me indicou para substituí-la. Era em uma escola estadual no bairro do Ipiranga. Uma escola modelo. Lembro que tinha um estudante com deficiência visual e havia transcrições de todo o material em braille, entre outras necessidades do aluno.

Essa experiência firmou minha escolha. Assim que terminei o Bacharelado, prestei concurso, passei e comecei a lecionar no Estado. No, entanto, concomitantemente, também indicada por essa professora, comecei a dar aulas no Colégio São Judas Tadeu. Eram aulas de redação. Fiquei lá por muitos anos e tão logo terminei a minha primeira especialização fui dar aulas na Universidade São Judas Tadeu. Lá fiquei por vinte anos. E então passei a dar aulas de Leitura e Interpretação de Textos em vários cursos na UNIP no campus Alphaville. Lá se vão quase 40 anos e, no momento, coordeno o curso de Letras da universidade.

Entre literatura, língua e semiótica, qual é, dessas áreas, a sua grande paixão?

Sem dúvida, a semiótica porque ela está em todas as demais já que posso ter a semiótica literária, a semiótica da língua, a semiótica do cinema. Um sistema de signos que abrange todas as áreas em que a linguagem atua. Evidente que escolheria a semiótica literária. Quando leio Peirce, essa é a semiótica de que me aproximo, vejo um pensador completo. É possível ler o mundo pela semiótica.





EDUCAÇÃO



Unir Guimarães Rosa e Lacan foi um momento de lucidez ou de loucura? Fale um pouco sobre o seu livro de estreia.

Foi um momento poético. Eu havia feito um curso de especialização (1977) sobre Grande Sertão: Veredas, de Rosa. Foi um especial momento. Não era uma leitura simples, mas uma decupação de toda a linguagem dessa obra.

E então conheci a psicanálise lacaniana anos mais tarde (1990). Era um tecer palavras do inconsciente. Exatamente o que aquela Nhinhinha de A menina de lá, de Rosa, expressava. Pensei: só é possível ler essa experiência de linguagem pelo inconsciente, por um inconsciente que se estrutura como linguagem. Foi paixão. Paixão poética. Eis o livro A menina de Lacan: um conto Rosa (1996-1ª. ed.), uma leitura de funebriños, de neologismos daquela menina quase muda que falava fazendo afasias. Enfim, era Rosa falando lacanianamente.

A sua paixão pela psicanálise e pelo cinema já lhe rendeu muitas produções escritas. O que o cinema de Almodóvar provoca em você?

Almodóvar é um grande narrador cinematográfico que toca as mazelas humanas; as perversões, principalmente. Eu conheci a obra dele em um curso de cinema na ECA/USP. Fiquei impressionada com todos aqueles personagens radicais, de caras abertas a mostrar suas mais íntimas almas pela sexualidade. Quando tive a oportunidade de entrevistá-lo na estreia brasileira de A flor do meu segredo (1995) vi o porquê ele não fazia análise. Seus filmes eram a corrente de significantes brotando do inconsciente. Desde A lei do desejo até o recente Dor e Glória, Almodóvar enfrentou o franquismo na Espanha para exorbitar a movida madrileña daqueles anos - tão presente neste século 21. Assisto a Almodóvar sempre de boca aberta. Em suma beatitude.

Literatura brasileira do átomo ao bit é um livro essencial para quem gosta de literatura. Como foi essa empreitada teórica no campo da literatura?

Essa empreitada deixou-me marcas porque muita gente não aprovou a ousadia de pensar a literatura brasileira de séculos passados com um olhar algoritmo. Um olhar de tecnologia. Como esquecer-se de que as tecnologias sempre estiveram presentes no humano? Vejo os 90 anos (em 2021) do poeta Augusto de Campos que, com seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari, pôde reler tantas obras como as de Sousândrade, por exemplo, e penso que a literatura de experimentação é aquela que permite leituras várias. Assim estão tanto Machado de Assis quanto Guimarães Rosa ou Omar Khouri com o seu O que estarão essas crianças fazendo? (Revista Artéria).

Escrevi com as leituras literárias que amo. Um pouco de literatura de experimentação seja em átomos, seja em bits.

No Instituto Legus, você é responsável pelo "Cultura em foco". Quais são os principais objetivos desse projeto?

O Instituto é, particularmente, da área da saúde. A psicologia, a psiquiatria, a fisioterapia são focos de atendimentos, entre outros. No entanto, o Legus abriu portas para a educação em várias frentes. A cultura não ficaria de fora.

Assim como no curso da PUC-SP (Semiótica Psicanalítica: sintomas da cultura), o objetivo é tratar temas da cultura como sintomas contemporâneos. Eles compreendem os processos de produção, de circulação e de consumo de significações na vida cotidiana, segundo o estilo de recalcamento próprio da presente época histórica. Os sintomas seriam os aspectos contraditórios do capitalismo global que podem ser lidos, escutados e interpretados com o auxílio da semiótica aplicada e da psicanálise em extensão.

Assim, somamos a paixão pela semiótica com as questões da psicanálise presentes na clínica, no Legus. E pudemos trazer filmes, literatura, contos de fada, metáforas, personagens – como Gandhi e Frida Kahlo – para esse olhar.

A pandemia do Corona vírus trouxe muitos prejuízos às áreas artísticas. Qual a importância de se falar em cinema e literatura nesses tempos?

Mais do que nunca, a arte precisa estar presente para que possamos refletir sobre o isolamento. Aliás, fala-se muito que autores escrevem no isolamento, no silêncio. Talvez esse seja um sintoma da literatura desse momento de pandemia. O isolamento e o silêncio agora existentes criaram um conflito. Há escritores que não conseguem escrever nesse recolhimento porque ele é forçado por elementos externos. Mas a ausência do estar em comunidade aumentou a exposição das escrituras. Publicamos em blogs, em revistas virtuais, em vídeos no youtube. Nunca publicamos tanto. Nunca participamos de tantos eventos online. Tudo isso é produção.

Evidente que o cinema sofreu com a falta de exibição, mas há canais como a Netflix que nos proporcionaram filmes brilhantes como algumas séries (8 em Istambul, por exemplo) ou Rosa e Momo com o ícone Sophia Loren. A ausência da grande tela pelo quadro reduzido, certo. Mas a arte não parou. Falamos de arte.

Você é uma mulher que não para nunca. Está sempre cercada de múltiplas atividades. Qual é a receita da multiplicação?

Não posso parar. Parar é não se manter lúcida, viva. A receita é olhar, ouvir, estar atenta a novidades, a diferentes obras. Sou também bastante pragmática nas produções. Vejo um filme e já estou pensando o que dizer, qual caminho usar para falar dele. Acompanho o mundo em que vivo, ele é gigantesco, a cada minuto surgem poetas novos, autores e teóricos desconhecidos. Sou de Áries, talvez isso explique um pouco a agitação. Mas sou de Letras e preciso saber das coisas da cultura, da arte, das novas tecnologias digitais da informação e da comunicação, das novas redes. Agora estou me enturmando com o Clubhouse para concordar que essa será a rede do futuro. Ao menos, permitirá que possamos ouvir, levantar a mão para pedir a fala. Respeitar, chave dessa rede.

Diria também que essa multiplicação é a ação dos signos, a semiose.



A educação sofreu grandes transformações no ano de 2020 com a pandemia do Corona vírus. O ensino remoto passou a ser uma possibilidade para que os alunos não ficassem sem aula. Quais são as vantagens e desvantagens desse tipo de ensino?

Em cidades como São Paulo, o trânsito torna terrível o deslocamento de docentes e estudantes. Em estados com infinitas ausências, como o Amazonas, é uma solução educacional. Eis uma vantagem do ensino remoto. Outra é de fato aplicar as novas metodologias como a sala de aula invertida, por exemplo.

Agora, replicar a aula ao vivo em ensino remoto é trágico. Impossível. É preciso uma reinvenção. Tardia – já que o ensino presencial carecia de mudanças. Um professor que fala sem parar e um aluno que escuta parado? Improdutivo.

Sem dúvida, uma desvantagem é a falta do convívio social permitido no espaço universitário, na escola. O cafezinho na cantina, o bate-papo pelos corredores. Aquele olhar que aponta que algo vai mal. Aquele momento em que os mestres estão na sala dos professores e trocam ideias sobre aulas e sobre alunos faz muita falta.

De todo modo, o ensino remoto foi a pedra angular que salvou a educação de sua descontinuidade. Claro, não generalizo porque sei bem que muitos estudantes não participaram do processo. Vimos que a exclusão digital é realidade. Mas vimos também que essa exclusão abriu portas para um avanço ao mundo, vimos que é preciso crescer, entender e participar do processo.

Já não se pode mais separar drasticamente o ensino presencial do ensino a distância. Quais são as suas expectativas para o ensino superior no Brasil nos próximos 5 anos?

Falo ouvindo a voz de especialistas da educação e percebo que o ensino superior tende a ser híbrido. Não é novidade, mas ainda é palco de preconceitos talvez porque muitos professores e estudantes não saibam do que se trata. Tem de haver combinação de recursos tecnológicos digitais com as interações presenciais. Isso não significa dividir um curso em presencial e online.

Os próximos 5 anos no Brasil parecem nos deixar aflitos porque sabemos que a recuperação econômica será lenta. Os prejuízos à educação não seriam diferentes. A tendência ao hibridismo vai nessa direção.

Por outro lado, o hibridismo não é algo ruim. Quando um estudante faz tarefas em bibliotecas, em espaços virtuais, em laboratórios, ele também está atuando nesse fora da sala de aula. Essa é a ideia: trata-se de integração da tecnologia à educação.

Precisaremos estudar, como professores, essas novas metodologias de aprendizagem; colocar em prática muitas delas já pensadas por Paulo Freire. É preciso repensar a sala de aula, os planos de ensino e os papéis educativos. O professor não deve temer o hibridismo. Ele é parte integrante, assim como o estudante, desse processo.

